

# *A Mesóclise em Textos Acadêmicos: Frequência e Avaliação*

Ana Carolina VILELA  
Faculdade de Letras / UFMG

**Resumo:** Este artigo trata do uso da mesóclise no texto acadêmico. Analisa a frequência dessa construção no português brasileiro e discute a avaliação que os falantes fazem dela, mostrando que estamos diante de uma mudança em via de completação.

**Palavras-chave:** português brasileiro, pronomes, mesóclise, mudança lingüística, estigma, sociolingüística.

**Abstract:** This paper focuses on the use of mesocclisis in Brazilian Portuguese. It analyses the frequency of this structure in Academic Writing and discusses how Brazilian speakers evaluate it. We will argue that the language change involving mesocclisis is almost complete.

**Key words:** Brazilian Portuguese, pronouns, mesocclisis, linguistic change, stigma, sociolinguistics.

**Resumen:** Este artículo trata del uso de los pronombres en el medio del verbo (proceso denominado en portugués *mesóclise*) en textos académicos. Además, analiza la frecuencia de esa construcción en el portugués brasileño y discute la evaluación que los hablantes hacen de ella, mostrándonos que estamos delante de un cambio que está por completarse.

**Palabras-clave:** portugués brasileño, pronombres, *mesóclise*, cambio lingüístico, estigma, sociolingüística.

## **Introdução**

A colocação pronominal no português do Brasil (doravante PB) tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, interessados tanto em mostrar como a sintaxe de colocação se

configurou ao longo dos séculos,<sup>1</sup> quanto em explicitar as regras que regem a colocação dos pronomes oblíquos átonos no português atual. Para isso, partem tanto de dados de língua falada quanto de língua escrita.<sup>2</sup> Esses estudos, apesar de apresentarem enfoques e objetivos específicos diferentes, possuem algo em comum: praticamente todos constataam a preferência brasileira pela próclise, reconhecem que a ênclise ainda ocorre com razoável freqüência e afirmam que a ocorrência da mesóclise – fenômeno completamente inusitado na fala –, tem-se tornado cada vez *mais inexpressiva* nos textos escritos. Partindo dessas constatações, atêm-se às colocações pré- e pós- verbal, abandonando, assim, a colocação mesoclítica. Simplesmente não se preocupam em explicar o porquê da freqüência – cada vez menor – dessa última construção no PB.

O objetivo deste artigo é, portanto, lançar algumas idéias que possam explicar os baixos índices de ocorrência da mesóclise no momento atual do PB. É claro que, sendo o assunto complexo, não é nossa intenção fazer uma análise exaustiva. Focalizaremos apenas duas questões, que cremos ser relevantes para a compreensão do comportamento da mesóclise no momento atual. Primeiramente, trataremos da **freqüência** dessa construção no *corpus* escolhido, apontando algumas hipóteses que podem explicar o seu baixo índice. Em seguida, apresentaremos a **avaliação** que os falantes fazem dessa construção, isto é, se a estigmatizam, se se mantêm neutros em relação a ela ou se a vêem como marca de prestígio. Por último, apresentaremos algumas conclusões.

## 1 Dados e Hipóteses Sobre a Freqüência

Como a ocorrência da mesóclise restringe-se a textos escritos, sobretudo àqueles lavrados em estilo formal (CEGALLA, 1994), optamos por trabalhar com textos acadêmicos escritos por pós-graduandos das áreas de Ciências Humanas e de Exatas. Assim,

---

<sup>1</sup> Veja-se Lobo, 2002.

<sup>2</sup> Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Silva (2002) e Schei (2003) – que utilizam dados da língua escrita e de Lobo; Lucchesi; Mota (1991), que enfoca a colocação pronominal na língua falada.

selecionamos nove teses de doutorado e uma dissertação de mestrado<sup>3</sup> (cinco de cada área), defendidas entre 1996 e 2003, tendo em média 200 a 250 páginas cada uma. Coletados os dados, nossa primeira constatação foi que *até em textos formais* a freqüência da mesóclise é baixa: encontramos apenas 6 ocorrências dessa construção no *corpus*<sup>4</sup> (5 em uma tese de Humanas e apenas 1 no *corpus* de Exatas). Como explicar esse número tão baixo?<sup>5</sup>

Nossa hipótese inicial era a de que o futuro perifrástico (*vou/irei cantar; ia/iria cantar*) estaria tomando o lugar do futuro simples (*cantarei/cantaria*) na língua escrita, por influência do que se vê na fala.<sup>6</sup> Como a mesóclise só pode ocorrer “inserida” nas formas de futuro do presente ou do pretérito, a baixa ocorrência dessas formas verbais em relação às construções perifrásticas explicaria a queda no uso dessa estrutura.

Coletamos, então, todos os dados em que o futuro simples e o perifrástico apareciam, quer estivessem acompanhados de pronome oblíquo átono ou não. Após computarmos todos os dados, chegamos à seguinte tabela:

**Tabela 1** – Distribuição geral dos dados, de acordo com o tipo de futuro

<b>TIPO DE FUTURO</b>	<b>DADOS</b>	
<b>Simple</b>	1243	90%
<b>Perifrástico</b>	131	10%
<b>Total</b>	1374	100%

<sup>3</sup> Foi preciso analisar uma dissertação porque, na Biblioteca onde buscamos as teses, não encontramos número suficiente de exemplares de teses que se encaixassem na faixa de tempo analisada.

<sup>4</sup> Nosso *corpus* compõe-se de 435.000 palavras.

<sup>5</sup> Como contraponto, apresentamos os dados de Lima (2003), que investigou a colocação pronominal em um *corpus* formado por textos jornalísticos. A autora encontrou apenas 1 caso de mesóclise contra 8 de próclise, quando o verbo achava-se no futuro do presente ou do pretérito. Ela conclui que há uma

Como se vê, o percentual de futuro perifrástico no *corpus* escolhido é de apenas 10%, ou seja, ele não está tomando o lugar das formas simples de futuro no texto escrito. Logo, nossa hipótese inicial não se confirma. O fato curioso é que, apesar de o contexto para a mesóclise (verbos no futuro simples) ser ainda bastante expressivo no texto acadêmico (90%), os índices dessa construção são baixos. Em outras palavras, a questão que se coloca é: se o contexto existe, por que a mesóclise não ocorre?

Para responder a essa pergunta, voltamos ao *corpus* e separamos os dados em que apareciam pronomes oblíquos. Já nesse primeiro recorte, chamou-nos a atenção a *pequena quantidade de dados de futuro acompanhados de pronome*. De fato, dos 1.374 dados de futuro coletados, apenas 126 deles apresentavam pronome oblíquo.

**Tabela 2** – Presença ou ausência de pronome oblíquo: dados gerais

<b>PRESENÇA/ AUSÊNCIA DE PRONOME OBLÍQUO</b>	<b>DADOS</b>	
Dados com pronome	126	9%
Dados sem pronome	1248	91%
TOTAL	1374	100%

Um dos fatores, portanto, que podem nos ajudar a entender a baixa frequência da mesóclise é justamente a baixa frequência dos pronomes oblíquos átonos no texto escrito. De fato, se os dados com pronome são poucos, a frequência da mesóclise também tenderá a ser. Essa é uma questão complexa e, portanto, vamos apenas mencioná-la, sem entrar em grandes detalhes. Há vários estudos que analisam a frequência dos clíticos, sobretudo na fala, e atestam que esta vem diminuindo (CYRINO, 1996; TARALLO, 1990; – estudos gerais

---

tendência, no PB atual, ao abandono da mesóclise e à adoção sistemática da próclise.

<sup>6</sup> Para uma análise do comportamento do futuro na fala, veja-se Santos (2000).

–, e DUARTE, 1989; – estudo sobre o clítico acusativo de 3ª pessoa – dentre outros). Com base nos nossos dados, não foi possível realizar um estudo sobre as razões da baixa frequência desses pronomes no texto acadêmico. Seria interessante, por exemplo, analisarmos se em vez de empregar os pronomes para retomar alguma palavra ou expressão, os autores simplesmente repetem o item, ou o deixam implícito. Outra idéia seria analisar a frequência dos verbos pronominais no texto escrito e ver se, nesse caso, os autores explicitam os objetos do verbo mediante emprego de pronome ou não. Tal estudo, no entanto, ultrapassa os nossos objetivos e, por isso, não nos ocuparemos dele.

A questão se torna ainda mais crítica se pensarmos que, desses 126 dados com pronome, apenas 79 (62,7%) correspondem a formas simples de futuro, em que a mesóclise poderia ocorrer. Dos 47 dados restantes, 26 correspondem ao futuro perifrástico (Ex.: *vão se falar*) e 21 apresentam locuções verbais com outros verbos que não o verbo *ir* (Ex.: *deveriam se encontrar*). Observe-se que, nesse último caso, não há obrigatoriedade de se inserir o pronome no verbo marcado com o futuro, o que diminui ainda mais a possibilidade de uma mesóclise ocorrer.

**Tabela 3** – Distribuição dos dados do tipo futuro + pronome, de acordo com o tipo de construção: simples, perifrástica ou locução verbal

<b>Futuro Simples</b>	79	62,7%
<b>Futuro Perifrástico</b>	26	20,6%
<b>Locuções Diversas</b>	21	16,7%
<b>Total</b>	126	100%

Há ainda um outro agravante. Se observarmos bem as regras gramaticais, veremos que há **apenas um contexto** em que a mesóclise é de fato “obrigatória”. É quando o verbo ao qual o pronome está ligado acha-se em **início de oração** ou **depois de pausa**. Nesses

casos, faz-se obrigatória a mesóclise porque, segundo a GT, não se pode iniciar uma oração com um pronome oblíquo átono. A ênclise também deixa de ser uma opção, visto que é rejeitada pelos tempos de futuro (CEGALLA, 1994, p. 472). Logo, a única alternativa é a inserção do pronome no verbo. Contudo, havendo palavra atrativa, a GT recomenda que se empregue a próclise, e não a mesóclise. E nos ambientes em que o verbo não se encontra no início da oração, nem próximo a alguma palavra atrativa, ambas as colocações são aceitáveis. É o que chamamos de contexto neutro.

Isolando, então, os 79 dados com futuro simples, vemos que a mesóclise só é de fato obrigatória em 6,4% deles. Na tabela seguinte, mostramos como esses dados se subdividiram, considerando o contexto existente em cada um deles.

**Tabela 4** – Contextos de colocação pronominal no corpus geral, excluindo-se os dados de locução verbal e perífrase com o verbo ir

	PRÓCLISE		MESÓCLISE		NEUTRO	
<b>Humanas</b>	46		5		16	
<b>Exatas</b>	6		0		6	
<b>Total</b>	52/79	65,8%	5/79	6,4%	22/79	27,8%

Pudemos verificar outro fato interessante com relação ao contexto mesoclítico obrigatório: além ser baixa sua freqüência no *corpus*, ele também pode ser facilmente **desfeito**. Não analisaremos, aqui, os recursos empregados pelos autores para esse fim.<sup>7</sup> Vamos apenas mencionar que, em nosso *corpus*, isso se deu, por exemplo, mediante o preenchimento do sujeito pronominal (*Nós nos movimentaremos*, e não *Movimentar-nos-emos*) e utilização do futuro perifrástico (*Vamos nos deter principalmente...*, e não *Deter-nos-emos principalmente...*).

<sup>7</sup> Para uma análise mais detalhada sobre esses recursos, veja-se Vilela (2004).

## 2 A Avaliação dos Falantes

Segundo Labov (1972),<sup>8</sup> uma variante passa sempre por três etapas rumo à mudança lingüística. Primeiramente, ela se comporta como um *indicador*, tendo como característica básica o fato de mostrar variação social. Em seguida, torna-se um *marcador* e mostra, além da variação social, variação estilística. Na seqüência, ela pode vir a se transformar em um *estereótipo*. Nesse estágio, suas características principais são a baixa freqüência e o estigma de que é alvo. A tendência dos estereótipos é desaparecer.

A pergunta que nos fizemos nessa etapa da pesquisa foi: será que a mesóclise se tornou um estereótipo lingüístico? É evidente que, para fazermos qualquer afirmação nesse sentido, teríamos de detectar se a mesóclise é ou não estigmatizada pelos falantes. Para captarmos essa informação, elaboramos alguns testes de avaliação e os aplicamos a 60 informantes: 30 eram alunos da Graduação em Letras da UFMG e os outros 30, da 3ª série do Ensino Médio de uma escola estadual da periferia de Belo Horizonte. Quanto à faixa etária, 96,5% dos informantes do 3º grau e 100% dos de 2º grau tinham entre 15 e 35 anos.

Em uma das questões, listamos uma série de frases e pedimos aos informantes que as classificassem de acordo com a escala abaixo, sendo **1** o índice mais pedante e **5** o índice mais simples. Se quisessem, poderiam destacar as palavras e/ou expressões que lhes haviam ajudado a tirar as conclusões:

**Exemplo: Eles estão se esforçando muito.**

**PEDANTE** \_\_\_1\_\_\_ 2 \_\_\_ 3 X 4 \_\_\_ 5 **SIMPLES**

Apenas para facilitar a compreensão dos dados, “traduzimos” os índices da escala pelas seguintes expressões:

1 – Pedante

2 – Meio pedante

3 – Neutro

---

<sup>8</sup> Naturalmente, Labov se referia a variantes fonológicas, mas cremos que os mesmos princípios também se apliquem às variantes sintáticas.

4 – Meio simples

5 – Simples

Vejam os resultados:

**Frase 1 – Essa obra *nos* será útil no futuro**

**Tabela 5 – Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 1)**

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
<b>Pedante</b>	0%	0%	0%
<b>Meio pedante</b>	33%	10%	21,5%
<b>Neutro</b>	20%	46,5%	33,5%
<b>Meio simples</b>	17%	20%	18,5%
<b>Simples</b>	30%	23,5%	26,5%

Como se pode ver na soma percentual geral, 33,5% dos informantes consideraram a frase neutra: nem simples, nem pedante. Observe-se, no entanto, que o percentual parece aumentar à medida que caminhamos para a direita na escala. Apenas para simplificar, somemos os níveis 4 e 5, que correspondem ao lado *simples* da escala. O percentual obtido é de 45,0%. Observe-se agora o que acontece na avaliação dos falantes, quando retiramos a próclise e, em lugar dela, fazemos uma mesóclise:

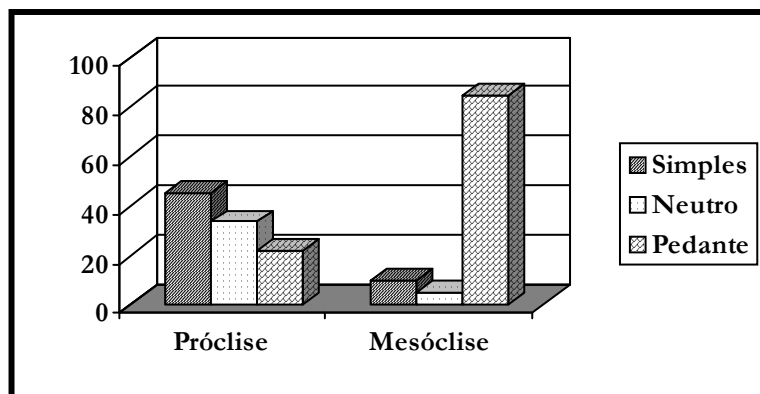


**Frase 2: Essa obra *ser-nos-á* útil no futuro.**

**Tabela 6** – Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 02.)

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
<b>Pedante</b>	52%	76,5%	64,5%
<b>Meio pedante</b>	27,5%	13,5%	20,5%
<b>Neutro</b>	3,5%	6,5%	5%
<b>Meio simples</b>	7,0%	0%	3,5%
<b>Simple</b>	10,0%	3,5%	6,5%

Na comparação das duas frases, vemos que o percentual do nível 1 (*pedante*) eleva-se de 0% para 64,5%. E, somado ao nível 2 (*meio pedante*), chega a 85,0%. Já o percentual dos níveis 4 e 5 somados cai de 45,0% para 10,0%. Esses índices podem ser mais bem visualizados no gráfico abaixo:



**Gráfico 1** – Avaliação dos informantes para as frases 1 e 2

De modo geral, esse foi o comportamento constatado em todos os pares de frases em que se alternou a próclise e a mesóclise: o percentual de pedantismo se elevou bastante ao passarmos da primeira construção para a outra. Vejamos mais alguns dados:

**Frase 3 – A diferença entre uma coisa e outra *se dará* em relação ao preço**

**Tabela 7 – Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 03)**

	<b>2º GRAU</b>	<b>3º GRAU</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Pedante</b>	17,0%	0%	8,5%
<b>Meio pedante</b>	26,5%	23,5%	25%
<b>Neutro</b>	26,5%	43,5%	35%
<b>Meio simples</b>	30,0%	20,0%	25%
<b>Simple</b>	0%	13,0%	6,5%

**Frase 4 – A diferença entre uma coisa e outra *dar-se-á* em relação ao preço**

**Tabela 8 – Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 04)**

	<b>2º GRAU</b>	<b>3º GRAU</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Pedante</b>	43,0%	63,0%	53,5%
<b>Meio pedante</b>	37,0%	23,5%	30%
<b>Neutro</b>	10,0%	10,0%	10%
<b>Meio simples</b>	3,0%	0%	1,5%
<b>Simple</b>	7,0%	3,5%	5,0%

Na frase 3, é interessante observarmos que os informantes se mostram bem divididos com relação à classificação. Somando-se os níveis semelhantes (1 e 2; 4 e 5), temos: 33,5% (pedante), 35% (neutro) e 31,5% (simples), uma classificação bastante equilibrada. O importante, para nossa discussão, no entanto, não é explicar por que essa distribuição se mostrou homogênea e, sim, observar como os percentuais se alteraram ao substituímos a próclise pela mesóclise. O gráfico abaixo nos ajuda a visualizar essas alterações:

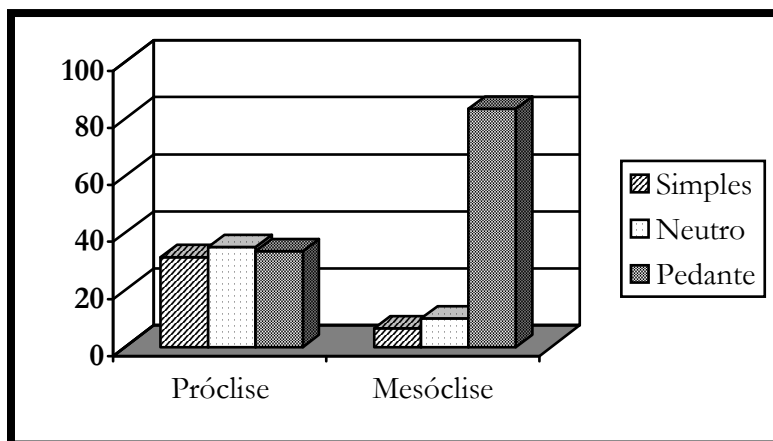


Gráfico 2 – Avaliação dos informantes para frases 3 e 4

Na questão seguinte, pedimos aos informantes que associassem determinados excertos literários a três diferentes autores: Machado de Assis, Mário de Andrade e Luis Fernando Veríssimo. O objetivo era verificar se os trechos com mesóclises seriam atribuídos a Machado de Assis (o mais antigo dos autores citados). Isso nos mostraria se a mesóclise é vista como um fenômeno típico de textos antigos ou não. Apenas para localizar os informantes, informamos os séculos a que cada autor pertencia. Os excertos relevantes foram:

1. Mas **cair-nos-iam** as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo... (ANDRADE, 1997, p. 62)
2. **Me lembro** com clareza de todas as minhas professoras, mas me lembro de uma em particular. Ela se chamava Dona Ilka. (VERÍSSIMO, 1995, p. 28)
3. Seria dele mesmo a idéia relativa ao nascimento de D. Evarista ou **tê-la-ia encontrado** em algum autor...? (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 28)

Vejamos como ficou a classificação de cada excerto:

**Excerto A: “Mas cair-nos-iam...”**

**Tabela 9** – Avaliação dos informantes 2º e 3º grau, excerto A

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
<b>Machado de Assis</b>	52,0%	66,5%	60,0%
<b>Mário de Andrade</b>	28,0%	30,0%	29,0%
<b>L. F. Veríssimo</b>	20,0%	3,5%	11,0%

**Excerto B: “Me lembro com clareza...”**

**Tabela 10** – Avaliação dos informantes 2º e 3º grau, excerto B

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
<b>Machado de Assis</b>	12,0%	20,0%	16,5%
<b>Mário de Andrade</b>	36,0%	13,5%	23,5%
<b>L. F. Veríssimo</b>	52,0%	66,5%	60,0%

**Excerto C: “... ou tê-la-ia encontrado...”**

**Tabela 11** – Avaliação dos informantes 2º e 3º grau, excerto C

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
<b>Machado de Assis</b>	32,0%	57,0%	45,5%
<b>Mário de Andrade</b>	44,0%	36,0%	40,0%
<b>L. F. Veríssimo</b>	24,0%	6,5%	14,5%

Como prevíamos, os excertos em que a mesóclise ocorreu foram sempre mais associados a Machado de Assis, e menos a Luís Fernando Veríssimo – o mais “recente” dos três escritores. Parece,

então, que os falantes realmente associam a mesóclise a textos mais antigos. Alguns informantes até mesmo sublinharam a mesóclise como sendo o fator responsável por levá-los à associação que fizeram. Observe-se, no entanto, o que ocorre em relação à próclise em início de oração: 60% dos informantes associam o excerto que a contém a Luís Fernando Veríssimo e a minoria o relaciona a Machado de Assis (16,5%).

### **Conclusões**

Neste artigo, apresentamos dois aspectos referentes à mesóclise: sua frequência no texto acadêmico e a avaliação que os falantes fazem dela. Como se viu, o número de ocorrências no *corpus* foi baixo, confirmando, assim, o que já vinha sendo encontrado em outros estudos de colocação pronominal no PB. Ao contrário do que imaginávamos, a baixa frequência da mesóclise não está relacionada ao aumento do uso de futuro perifrástico na escrita. Essa estrutura ocorreu em apenas 10% dos dados do *corpus*, enquanto as formas simples de futuro atingiram um percentual de 90%. O contexto para mesóclise (verbos no futuro simples) é, portanto, bastante expressivo nos textos acadêmicos. Há, porém, dois fatores que podem servir para explicar a baixa frequência da construção mesoclítica: a baixa frequência dos pronomes oblíquos átonos e o fato de a ocorrência da mesóclise estar vinculada a apenas um contexto sintático obrigatório, que pode, aliás, ser facilmente desfeito.

A fim de verificarmos se a mesóclise se comporta como um estereótipo lingüístico ou não, elaboramos e aplicamos alguns testes de avaliação. Os resultados mostraram que os falantes tendem a estigmatizar a mesóclise, considerando-a uma construção pedante, associada a períodos mais antigos da língua. O resultado dos testes de avaliação e a constatação da baixa frequência da mesóclise nos textos acadêmicos constituem evidências, portanto, de que estamos diante de uma mudança em via de completação.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 30ª ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997. (Coleção Biblioteca de Literatura Brasileira, v.1)

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 37. ed. melh. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1994.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clítico. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. São Paulo: Unicamp, 1996.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. São Paulo: Pontes, 1989.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Rosângela Borges. **Estudo da norma escrita brasileira presente em textos jornalísticos e técnico-científicos**. 2003. (Tese) Doutorado em Estudos Lingüísticos – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

LOBO, Tânia Conceição Freire. A sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos e; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Orgs.). **O Português quinhentista**: estudos lingüísticos. Salvador-BA: EDUFBA, 2002, pp. 83-101.

\_\_\_\_\_.; LUCCHESI, Dante; MOTA, Jacyra Andrade. A norma culta brasileira e as prescrições gramaticais: colocação dos pronomes átonos. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 11, p. 147 – 158, 1991.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O alienista**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Bom Livro).

SANTOS, Josete Rocha dos. A variação entre as formas do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. **Philologus**, ano 8, n. 22, 2000. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>>. Data do acesso: 14 fev. 2004.

SCHEI, Ane. **A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea**. 2. ed. rev. São Paulo: Humanitas/USP, 2003.

SILVA, Maria da Conceição Hélio. **A variação na posição dos clíticos em relação ao verbo em textos escritos: uma abordagem sociolinguística**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPB, João Pessoa.

TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Santinho. In: \_\_\_\_\_. **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1995. v. 14. (Série Para Gostar de Ler).

VILELA, Ana Carolina. **A mesóclise em textos acadêmicos: frequência, estratégias de esquiva e avaliação**. 2004. Monografia (Bacharelado em Lingüística) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.